



Gaiato

16 DE DEZEMBRO DE 1967

ANO XXIX — N.º 620 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

NATAL

É a segunda vez que o vou passar em África. Faltará a poesia da neve e da lareira. Abunda já o calor que nos afronta e abate.

A perspectiva do hemisfério sul é diferente. Dificilmente a adivinha quem a não experimentou, ou não tentou sequer um esforço humilde de se passar à mente dos que lhe pertencem. E no entanto o Mistério da Incarnação, que vamos reviver, é único para os homens de todos os lugares da Terra, de todos os tempos da História. Consiste na assunção pelo Filho de Deus da natureza humana. Deus acomoda-Se à condição dos homens, em tudo menos no pecado. Em tudo: na pobreza, na abjecção, em toda a sorte de sofrimento. Cristo é o Sinal da Contradição. A lógica deste mundo tropeça nEle e gera sofisma se O não entende, justamente, Sinal de Contradição. O Filho de Deus ao fazer-Se **menos**, ao fazer-Se Filho do Homem, quer multiplicar-Se no **menos** que são os homens, para os tornar **mais**: filhos de Deus. A raça humana afirma-se na aparente negação da estirpe di-

vina. Deus abaixa-Se para que o homem ascenda. Isto é o Mistério da Incarnação — o que os homens têm de aprender e apreender se se apresentam e querem ser na verdade salvadores de outros homens. Esta é a pedagogia do Verbo Incarnado, que, «naquele tempo», nasceu num curral em Belém de Judá, como, se fôra hoje, teria nascido talvez numa favela do Rio, ou em «bidonville» dos arredores de Paris, ou num bairro de Lisboa onde a tragédia da chuva foi mais trágica.

Desde o princípio Deus debruçou-Se «muitas vezes» sobre os homens e «falou-lhes de muitos modos pelos profetas». Porém, ao principiar os «últimos tempos», a era da Salvação, Deus não Se debruça, insere-Se e «fala-nos pelo Seu Filho»; fala-nos, já não por oráculos difíceis de penetrar, mas na linguagem simples do «Filho do Carpinteiro», porém, dura para «quem não tem ouvidos de ouvir».

X X X

Que certos um Padre de Foucauld e os seus filhos espirituais!

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



Mais casas do «Património dos Pobres» inauguradas, recentemente, em Perosinho.

LOURENÇO MARQUES

Três factos merecem especial registo nesta segunda crónica de Lourenço Marques. A primeira é a vontade de nos encontrar que tem trazido até nós, não apenas os amigos de sempre, a quem já tomámos demasiado tempo nas andanças pela cidade, mas também aqueles que exultaram com a nossa vinda e se preocuparam em procurar-nos. Assim foi especialmente ontem. De entre todos, apareceu um casal modesto com seus filhos. São do Porto. «Nós vínhamos ver se aqui é como em Paço de Sousa». E a senhora acrescenta: «antes, de vir para África, há dois anos, fui lá levar o meu último ordenado e aqui, embora não trabalhe como então, quero dar o que puder». E perguntavam se íamos abrir subscrições. Não vamos. Mas aceitamos que alguém nos mande ir a sua casa. Somos uma palavra nova. Vivemos da fé e acreditamos que é Deus quem toca os corações e as vontades, e por isso tomamos também como tocados por Deus, embora às vezes inconscientemente, todos aqueles que vêm até nós.

Outro facto é a venda de «O Gaiato». Os nossos cinco vendedores, em duas manhãs, despacharam os mil e duzentos jornais que vieram e contamos daqui a algum tempo dobrar a conta. O Santana foi ao Rádio Clube. Uma senhora tomou-o pela mão e deixou lá cerca de cem. O Ezequiel veio ofegante do Colégio Barroso. A Madre Superiora abriu caminho por entre as alunas na hora do recreio e num instante ficou sem os oitenta que levava. «Para outra vez se levar quinhentos vendo-os todos!» Não sei a quem dar um «bravo», se às alunas se à Madre Superiora que

Cont. na TERCEIRA pág.

Aquí, LISBOA

Por
Padre Luís

Uma palavra de agradecimento e outra de tranquilidade para os numerosos Amigos que, de qualquer maneira, se interessaram pela sorte da Comunidade desta Casa do Gaiato, situada na região onde se fizeram sentir os efeitos catastróficos do último temporal. Para lá de elevados prejuízos materiais, que muito afectarão a construção da Nova Aldeia e a nossa vida de pobres, não houve o mais pequeno desastre pessoal. Louvado seja Deus! Os 152 metros de muros derrubados pelas águas descontroladas; o enchimento dos poços pelos mais variados detritos, um dos quais recentemente aberto; a perda de muitos hectares de culturas; o arrastamento da camada arável das terras mais férteis; e o enchimento concomitante do solo por pedras dos mais variados tamanhos; os esteios, as videiras e as árvores arrastados ou deitados abaixo pela violência das cheias, porém, em nada afectarão a vontade indómita de que

estamos possuídos: prosseguir em frente, em ordem à consecução do objectivo em vista e, com fé de remover montanhas, dotar os Rapazes desta Casa de instalações condignas. De resto, os males sofridos nada são ou pouco valem ante o espectáculo que os nossos olhos viram e vêem.

Acrescentamos ainda uma terceira palavra. Estiveram os nossos Amigos presentes nos socorros prestados às vítimas. Colchões, cobertores, camisolas e outros agasalhos, calçado e géneros, para lá da disponibilidade dos dois carros da Casa, foram a vossa presença nas horas aflitivas, que se viveram. Até um embrulho de roupa, vindo de Lourenço Marques, seguiu directamente do correio para o posto central de emergência! É que sendo nós pobres, ainda havia e há outros Irmãos mais necessitados. Cremos ter interpretado bem o vosso sentir e haver procurado cumprir o nosso dever.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DE COIMBRA

Começou o ano escolar.

Doze rapazes têm a seu cargo um novo ano a vencer, sendo 3 no Colégio Pedro Nunes, onde como sempre a sua directora nos abriu o seu manto dando-nos meios para realizarmos as nossas aspirações. Os restantes na Escola Comercial, onde tudo é simpatia por parte do pessoal docente.

Mas nem para todos começaram as aulas. Outros (como eu), iniciaram a vida militar. Todos, passados uns tempos, têm ideias completamente diferentes, do que quando entraram. Prepararam-se homens. Homens preparados a tudo e a conformarem-se com tudo.

Não há dificuldades, nem pode havê-las, pois os obstáculos, os exercícios, a lama, as exigências, obrigam-nos a amadurecer.

Acima de tudo é uma satisfação o convívio colectivo e a necessidade de compreensão e auxílio mútuo. Porém, a «malta» sente a falta e a necessidade deste auxílio e, assim, temos procurado dar as mãos uns aos outros.

Joaquim de Sousa

Calvário

BOLOTA — Este ano foi uma farturinha dela, graças a Deus. Mas, não é propriamente isso que interessa. Ver os doentes entreditos a varrer e ensacar, para os animais que temos se regalarem com a farinha, é melhor para nós e para eles. Pois nem pensaram tanto nos males que o corpo tem, e nos vícios que já têm raízes, forçoso se torna acudir-lhes.

Nomeadamente os fumadores. (Nem imaginava que isso fosse pior que uma doença!) Requeria este assunto um capítulo à parte. Mas acho melhor relacionar bolotas e cigarros. Seria um prémio, dos leitores, pelo trabalho que eles tiveram a apanhar o fruto dos carvalhos. E agora com a folha que irá ser também objecto do seu trabalho. Esperamos que, como os animais ficaram servidos por uma temporada, poupando uns escudos largos na aquisição de farinhas compostas, também eles (os nossos amigos do cigarro) possam receber um pouco mais de compensação!...

FESTA DE CRISTO REI — Comemorou o Calvário nesse dia a abertura do pavilhão das mulheres que são vítimas de paralisias parciais ou totais.

Este ano foi de uma maneira muito singela. A Maria do Carmo, moça que nunca tinha entrado numa capela ou igreja, por ausência de possibilidades próprias e talvez por ignorância, ainda maior, fez a 1.ª Comunhão. Gostaria que presenciasses, amigo leitor, a alegria verdadeiramente feliz daquela alma! Pois dentro dela Jesus era verdadeiramente Cristo Rei!

DESPEDIDA — «Não é de modo algum uma despedida, pois

embora longe na distância terrena os nossos corações estarão sempre a vibrar junto de vós!» Foi assim que nos colheu de surpresa no fim do terço, o nosso Padre — Obreiro que Deus chamou para as terras Moçambicanas. Assim como outrora Jesus fazia com os Discípulos, continua a ser nos nossos dias. E a «Obra da Rua» irá ser mais uma chama viva e forte junto dos nossos irmãos que também têm o mesmo direito de serem guiados como nós!!

Manuel Simões

SETÚBAL

Antes de iniciarmos esta nossa crónica, queremos agradecer às pessoas que atenderam os nossos pedidos. Em primeiro o nosso agradecimento vai para as senhoras que ofereceram os ferros. Já estão em uso e que jeito estão fazendo. Agradecemos também um relógio de parede que uma pessoa amiga nos ofereceu. Já está colocado nas paredes das oficinas e trabalha como gente grande. Recebemos também algumas «Flamas».

Os primeiros números continuam a fazer muita falta para completar a colecção.

OFICINAS — Continua o bom andamento da Carpintaria e da Tipografia. Lembramos que a Serralharia já tem mestre. E as máquinas? Essas é que nunca mais vêm! Elas custam muito dinheiro. Quem nos ajuda?

Lembramos também a quem necessita de algum trabalho tipográfico ou de alguma encadernação que estamos aptos a despachar trabalho sem perda de tempo.

OBRAS — Últimamente têm estado paradas. Temos andado a construir a casa do Vilhena que vai casar. O nosso Lar já tem telhado e está para breve o começo dos acabamentos.

FUTEBOL — Últimamente não temos disputado jogos, pois estamos sem equipamentos. Ora como o futebol em nossas casas é o desporto que a malta gosta mais, lembro a quem tenha equipamentos e não lhe faça falta...

Por hoje é tudo e até à próxima se Deus quiser.

Laurindo Ferreira Lopes

Lar do Porto

Ao escrever para o «Famoso» a crónica do nosso Lar não posso deixar de revelar em mim o complexo de pobreza de espírito. Cheguei mesmo a duvidar de não cumprir a ordem dada, mas, por fim e depois de muito pensar cheguei à conclusão de que um homem ou rapaz nunca se deve diminuir a si mesmo, nem mesmo de deixar enfraquecer, muito

pouco que seja, seu ideal, porque a diminuição do seu valor manifesta-se imediatamente em tudo o que fizer.

No Lar tudo é uma união mútua e isso levou-me a não querer desatender dos meus restantes colegas.

Somos rapazes de capacidade limitada, mas de vida e hábito tão regulares, com horas certas de refeição, distração, sono, estudo, etc., que nos permite estarmos na posse das nossas forças físicas e mentais.

Tudo é alegria dentro das nossas paredes, todos gozam o florir da juventude, sem nunca desperdiçar um bom conselho, seja ele de quem for, porque mais tarde ele será necessário, para o ajuntamento da colheita dos frutos produzidos e das suas boas sementes.

No dia de todos os Santos fomos para Paço de Sousa e aí festejámos o nosso magusto. Na parte de manhã realizámos um jogo de futebol com o grupo dessa Casa, e não vamos sentir diminuídos por perdermos 4-1, pois é lá que consiste a maior força do nosso meio futebolístico.

De tarde fomos rezar o nosso terço ao cemitério por todos os defuntos e assim terminámos este dia, acabando com boa disposição como principiámos.

Fernando Xavier

MIRANDA DO CORVO

Começámos hoje com a apanha da azeitona. Este ano temos bastante, pois temos a das nossas oliveiras e também a da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, que é bem boa.

OBRAS — Temos andado a alargar a sacristia da nossa capela, pois era muito pequena e no inverno as pessoas que ficavam ao fundo da capela molhavam-se todas. Este ano, porém, devido ao aumento da sacristia, já todos cabemos à vontade, e podemos na mesma assistir aos actos litúrgicos, visto que também alargámos a porta que comunicava com a capela.

AS NOSSAS OFICINAS — Continuam em bom andamento, pois os nossos amigos não se esqueceram, que lhes tínhamos pedido trabalhos para estas.

Os serralheiros e carpinteiros, lá andam ao despique, a ver quem é que ao fim do ano consegue um lucro maior. É só pena se o trabalho agora começa a faltar. Não deixeis de mandar trabalhos para as nossas oficinas.

Terminámos há poucos dias o edifício para a marcenaria, que fica mesmo por cima da carpintaria.

Os rapazes ao olharem-no do campo, dizem que aquilo já parece um «hotel» e andam todos contentes, pois já os há que querem aprender este ofício. Porém, edifício já nós temos, faltam-nos os apetrechos.

NO DIA DE TODOS OS SANTOS — Veio até nós um grupo de seminaristas de Coimbra, para cá passarem a tarde.

Depois da chegada destes e para começar, disputou-se um desafio de futebol, em que desta vez perdemos pela margem de três a zero. Depois disto arranjámos as coisas e fizemos um magusto que decorreu com o entusiasmo já habitual da nossa malta.

Para finalizar, rezámos todos o terço na nossa capela.

Obrigado amigos e não se esqueçam de vez em quando arranjar um grupinho para cá vir passar a tarde de domingo connosco.

Francisco José

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O NATAL — Já em o número anterior lançámos o apelo. E temos fé será correspondido. Nunca os leitores do «Famoso» se escusaram a qualquer um dos nossos S. O. S.. O que não há dúvida, porém, é que a Consoada deste ano é-nos bem dolorosa! Os fundos da Conferência ultrapassam o fundo da Caixa — tão pobre se encontra presentemente. Não nos afligimos demasiado, pois tem sido um dar sem conta. E bem. Farnácia, leite, rendas de casa, funerais, etc. etc.. Um rol de despesas extraordinárias a que não podemos nem devemos fugir.

A propósito: como no ano anterior, o Ofertório nas Missas paroquiais do próximo domingo será dos Pobres. Vicentinos e vicentinas, na hora própria, recolhem o óbulo dos fiéis. Queira Deus compreendam todos a grandeza do Ofertório! Seria o ideal. No entanto, fica nova semente, que o Senhor fará germinar como e quando entender.

Aguardamos o Ofertório com muito interesse. Pois a Celebração Eucarística mostrará claramente aos homens outra Verdade escondida, muitas vezes, pelo mundo fora, por omissão — a imagem de Cristo padecente, na pessoa dos Pobres...

E para finalizar, escusado será repetir que aguardamos ansiosamente a presença amiga — e quantas sacrificadas! — dos nossos leitores. Para todos, no entanto, votos de um Santo Natal.

O QUE RECEBEMOS — Porto, 20\$00, da R. Hintze Ribeiro. O mesmo de Alice Camacho. Mais 30\$00 de um bom amigo da Philips. Mais 40\$00 de Raúl. E 50\$00 de Maria da Glória, do Porto. O dobro da nossa velha amiga «Alice Pequena». E mais 20\$00 do assinante 26776, também do Porto. A Invicta tem sempre os ouvidos e as mãos abertas! Demos graças a Deus. Mais 10\$00 de um meu antigo condiscípulo da Escola Mousinho da Silveira. Mais 40\$00 da conhecida assinante 17022. E metade de Rio de Moinhos — Ribatejo. E o mesmo de Gondomar, «por alma de meus pais». Finalmente, igual quantia da assinante 17740, e mais 50\$00 de Maria D., do Entroncamento.

É tudo. Para todos, um agradecimento dos nossos Pobres.

Os donativos devem ser enviados para: Conferência de Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Estimados leitores, mais uma vez a nossa Conferência vem dizer, por intermédio de um seu confrade, algo do que por ela vai. As nossas reuniões têm sido alvo da mais pura união. Rapazes jovens, com vontade de servir os Pobres.

Novos membros foram eleitos respectivamente para os postos necessários à Conferência. O José Alves quis dar a mão e como mais feliz, foi eleito presidente.

Não vale a pena mencionar os nomes dos restantes responsáveis,

mas do José Alves sim. Sim, porque ele é o único dos presentes, capaz de fazer um volte-face à nossa Conferência. E ela que está tão pobre!

Então, devido à boa união que existe entre nós, há sempre um que chora: «Oh pá, quem tem gosto para dizer duas coisas para o Gaiato?»

Um não, juntamente com um gesto de igual significado: «Não tenho tática para escrever».

Apesar disso houve alguém a quem lhe apeteceu!

Amigos leitores, a festa natalícia aborda-se de nós. Já não é nada cedo, para virmos lembrar aos nossos amigos que precisamos de mãos benfeitoras para podermos dar aos nossos Pobres, uma festa feliz. Roupas velhas que, infelizmente, deve haver pelos cantos desses armários aos trambolhões, que falta elas nos fazem!

Donativos; sim, precisamos de donativos para que depois se possam pagar os viveres que irão da mercearia. E que conta não devem eles somar?!

Por isso, senhores leitores, a minha presença nesta coluna, não foi senão pedir-vos o que acima cito; faz-nos falta!

Se quiserdes enviar as vossas oferendas, enviá-las para a Rua D. João IV, 682 - Porto.

Álvaro Henriques

BENGUELA

UMA VISITA FAMILIAR — Tivemos-la dia trinta de Outubro. Após alguns dias de expectativa pela alegre notícia, chegou o grande momento.

Levantámo-nos, como é lógico, às cinco horas para ir esperar o navio «Príncipe Perfeito» no porto do Lobito. O atracamento estava marcado para as sete da manhã. Alguns minutos antes, de ambas as partes, nós em terra firme e eles nos corredores do navio, havia acenos de lenços erguidos. Era um grupinho de irmãos nossos que acabava de chegar e não puderam dispersar-se por causa do horário.

Atracou às 7 h. e tinha que sair às duas horas da tarde. Mas este curto horário não era razão para que não fôssemos ao porto do Lobito esperá-los.

Eu tomo como testemunhas deste acontecimento, alguns amigos nossos que lá estavam também.

Depois dos abraços fomos dar uma volta ao Lobito, seguindo-se a cidade de Benguela, e, por último, visitaram o que também é deles. Quero eu com isto dizer que foram à nossa Casa do Gaiato. Ao meio-dia saboreámos, juntamente com o grupo que foi para Moçambique, um pequeno «copo de água» onde todos se sentiram satisfeitos, menos o Sr. Padre Manuel António, porque disse que os frangos tinham «gingungo» demais. Terminado o «copo de água» partimos para o Lobito a fim de nos despedirmos dos nossos irmãos.

Escusado será dizer toda a esperança que vimos naqueles Rapazes.

É mais um grupinho que vai começar, como nós, do nada, mas graças a Deus já encontraram alguma coisa feita. Isto não quer dizer que não haja dificuldades. Com certeza sim. Mas é preciso muita paciência para aguentar o peso das dificuldades, às vezes grandes demais, e oxalá que Deus esteja sempre com todos; oxalá que a semente caia em terra firme, em terra boa, para que o seu fim seja uma boa produção de frutos.

António A. Pereira de Almeida



Costumamos deixar para uma saída exclusiva os das casas a prestações, mas desta vez eles vão escoltados por dois pequenos grupos. São os Avulsos e os das Casas para que vários concorrem.

Entre os primeiros aparecem vários assinantes que mandam sobras da assinatura ou mesmo uma ajuda especialmente dedicada ao Património dos Pobres. Temos o assinante 10250 com 50\$. Laura com o dobro. Alfredo, de Lisboa, com o mesmo e esta legenda: «Envio..., porque, graças à Vontade de Deus, consegui obter uma casa para a minha Família, com empréstimo da Caixa de Previdência. Mil de um anónimo no Espelho da Moda. No mesmo lugar 20\$ de outro

A G O R A

anónimo. E a mesma quantia de «uma admiradora dessa grande Obra que roga a Deus protecção para todos os seus dirigentes». Que Deus a ouça, que estes bem precisam. E outra vez 20\$ do assinante 26157 e outra «por uma grãça recebida por intermédio do nosso inesquecível Pai Américo». Idem da Admiradora já citada — cinquenta de Cur-

vaceiras. E 140\$ do Porto, com esta dedicatória:

«Não tenho casa minha e tive há semanas uma notícia que muito me afligiu, pois com uma idade já para cima dos 75 anos e bastante doente, pedi ao Snr. Padre Américo intimamente nas minhas orações diárias, que fosse digno da sua protecção. O caso não foi re-

solvido totalmente, mas foi protelado e entretanto com a sua ajuda, e de Deus Nosso Senhor, tudo se há-de conseguir. Esta importância que envio é referente ao aumento que me foi concedido pela Caixa de Previdência da qual sou reformada por velhice e é o aumento de um mês».

No 2.º grupo aparecem duas achegas para a Casa dos Licenciados da mesma pessoa e 4.400\$ de Castelo Branco e «supús que ela (esta Casa) encontrasse eco, o que afinal não sucedeu, pois segundo li num jornal, creio que poucos são os contribuintes, o que é de lamentar, visto que tantos somos e pouco ou nada custaria a alguns».

Finalmente, «uma portuense qualquer» com uma nota de 50\$ por duas vezes para a Casa de N. S.º do Carmo. (A última vinha acompanhada de mais 200\$ «para o rebento mais novo da Obra — a Casa do Gaiato de Lourenço Marques»).

E agora, sim, surgem na volta os das Casas a prestações. Mais 500\$ para a Casa do António e do Fernando, que fica em 17 contos. Outro tanto para a Casa Rainha das Virgens. «Um casal de Luanda», «para acabar com a interrupção», vem juntar um cheque de mil, contando no futuro remeter, mensalmente, uma importância até findar os 12 contos que foi nossa intenção oferecer.

A porta do Lar um velho «Desconhecido» deixou surpreendentemente uma carta com 3 contos para a Casa de S. Carlos e o mesmo para a de Maria Santíssima. Mais cem para a Casa Pai Américo. E duas «gotinhas» iguais a esta para a Casa S.ta Filomena. Relativo a quatro meses, outras tantas

pedras de 500\$ para a Casa do Eduardo.

Ora ajoelhem à passagem desta testemunha, a que não acrescente nem tiro uma vírgula:

«Louvado seja Jesus.

Eu nunca tive férias, apesar de trabalhar muito e bem precisar delas. Deus não quer que eu descanse neste mundo.

O dinheiro que havia de gastar nas férias, dois mil escudos, vão para amortizar a dívida da minha casa (Perdoai-nos Jesus), para que Deus me ajude a sofrer os meus pecados, e me dê paz no meu Lar.

Quem me dera saber sofrer como Jesus para não desanimar.

Beija-lhe as mãos, uma pecadora».

Mais 500\$ do Casal-Assinante 28562 que fica, assim, em 14.900\$. A Casa de S. Francisco fica na 88.ª prestação de 200\$. O Assinante 6790 juntou mais 5 pedras de 100\$. E a Casa de S. Bernardo atingiu a 36.ª prestação de 500\$.

Um salto à Beira, do Índico, e estamos com Cruz. Se não nos enganamos nas nossas contas, entregou, desde Maio, 950\$. Será assim? Se não, ajustamos contas quando em breve, se Deus quiser, por aí passar.

Cinco prestações de 100\$ para a Casa Fé em Deus. O mesmo para a Casa Carolina. Mais 2.000\$ para a Casa N. S.º do Lar. Mais 5x1.500\$ para a Casa Crucifixo. E o rosário delas não pára, graças a Deus.

De Newark, 140 dólares para uma casa que Ana está levantando com suas economias. Mais 500\$ do Assinante 32.699 para a Casa N. S.º da Boa-Hora. O mesmo de uma vez e 200\$ de outra para a Casa Bendita, que é em Oeiras.

E fechamos com a dor da Mãe das três Marias, que ficou com duas na Terra e uma no Céu, sem entender os desígnios de Deus.

Pois nós pedimos ao Senhor que a «ajude a aceitar a sua vontade e a levar a sua cruz até ao fim». E quanto à Casa das Três Marias, não há hesitações: Migalha a migalha, ela há-de ser.

Cont. da PRIMEIRA pág.

Que certos na Sua presença civilizadora e salvífica entre os Povos menos civilizados! Que lição actual e viva nos não dão de como civilizar não é impor aos outros as nossas formas, antes principiar por aceitar as suas, válidas e não contrárias aos valores eternos! Depois, serão eles que receberão as nossas, válidas e não contrárias aos valores eternos — que dos nossos defeitos já estão cheios aqueles sobre quem nos debruçamos para elevar a nós, como se em tantos

N A T A L

pontos não fôssemos também uns decaídos!

A comunicação das civilizações faz-se em lei de vasos comunicantes. É necessário que a mais alta sofra compressão e desça, para abrir e elevar a mais baixa. Foi isto mesmo que Cristo nos ensinou, ao enxertar na vida humana, a Vida do Verbo Eterno. A Palavra fez-se carne, tornou-se Vida, iluminou a Verda-

de, rasgou o Caminho, fortificou como o Pão, abriu a Porta — e a Casa do Pai é patente aos bons discípulos da Contradição: aos pobres, aos mansos, aos aflitos, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacíficos, aos perseguidos, aos amaldiçoados.

x x x

«Hoje sabeis que o Senhor virá e nos salvará. Amanhã vereis a Sua glória».

Porém, entre saber e ver há um mundo de exigências — o preço, sempre gratuito, por que o homem de boa vontade, «o puro de coração», entrará na Casa do Pai.

O Natal é isto: «Sabermos que o Senhor veio e nos salvará»; e por essa ciência subirmos à visão da Sua glória.

«Amanhã será apagada a iniquidade da face da terra e reinará sobre nós o Salvador do Mundo».

Quando será o cumprimento desta profecia, este Natal perfeito após o qual os homens seguirão com Cristo e, por Ele e nEle, verão a glória de Deus?

Certamente será quando «a iniquidade fôr apagada», isto é, quando nós nos decidirmos «de coração humilde e contrito» à tarefa de a apagar. Quando nos depusermos do nosso pedestal e subirmos aos outros, passando por dentro de nós mesmos com a esponja salutar de um sincero «mea culpa, mea máxima culpa».

Cantinho dos Padres da Rua

Júlio, deixa sentar-me a este cantinho, para dar recado a nossos padres.

São três horas da manhã.

Venho de junto dos restos mortais do Sr. Bessa. Raramente me sinto tão padre como quando o Senhor Se quer servir de mim para lhe entregar aqueles que são Seus.

Este já cego, e com cirrose que o tolhia no leito, foi abandonado pela esposa — num quartinho sem o mais pequeno recurso. «Está prai numa esterqueira», diziam das portas visinhas.

Familiares quiseram entregá-lo a nós. E connosco esteve largos meses. Hoje partiu.

Acabo de o entregar ao Senhor. Oraí, pois, comigo por ele ao Senhor que nos confia o inválido para Lho ungirmos e depois de o amortilhar Lho entregarmos.

E oraí também ao Sr. José Bessa por todos nós.

Padre Baptista

Lourenço Marques

Cont da PRIMEIRA página

tem procurado atear nelas esta chama de amor pela criança abandonada de Moçambique.

Finalmente, e também da Juventude, tivemos outra nota de interesse. Rádio Universidade quis gravar algumas palavras sobre a nossa vinda e planos, para levar os seus ouvintes a participar do nosso ideal.

Aguardamos para momento oportuno a colaboração da Mocidade Portuguesa em seus campos de férias. A Juventude sempre tão capaz e tão afoita como generosa está a manifestar-se.

Contamos, pois, com o apoio de todos e temos o nosso coração a transbordar de reconhecimento.

Padre José Maria





Um após outro, têm chegado doentes de vários recantos de Portugal.

Senhora Ângela recolhera ao hospital do Porto, com tumor maligno. Mas a cama era precisa. Teve de sair. Os parentes negaram-se a recebê-la. E eu fiquei contente por ter leito vago, numa das enfermarias.

Senhor Torres, todo corcovado, fruto de raquitismo, gerado por deficiente alimentação de muitos anos, da vida toda, morava perto de nós. A mãe velhinha entrega-no-lo radiante, com um «agora já posso morrer descansada».

Lourdes era criada de café. Carcinoma do seio lançou-a quase imobilizada num catre. Este encontrava-se sob um alpendre à porta da casa dos pais, casa do Património dos Pobres! Não inquiri razões. Disseram-me apenas que ela oheirava mal. Ora o mau odor não se deseja dentro de casa. Veio na nossa carrinha, triste por deixar o torrão onde nasceu. Mas hoje é feliz, e mostra rosto sorridente. E a partir de quando? Desde aquela tarde em que a levámos ao nosso bar, para saborear um café. Remédio tão simples, mas adequado. Não haja escândalo com um bar em casa de Pobres. Tem sido remédio para curar. Só pela Lourdes valia a pena. Ela está feliz. Aqui reviveu o tempo em que, criada de café, tomava o seu na cidade de D. Diniz.

O Mário veio da capital. Ali há tantos dramas. E tanta gente que se não apercebe de nenhum. O pai abandonou a mãe. Sem recursos mãe e filho foram definhando. Aquela dos pulmões, este de todo o corpo anormal e imobilizado. Tão poucos dias esteve connosco esta criança, de tão enfraquecida que vinha!

Mais duas crianças foram poisadas, de mansinho em leitos sedentos de quem os aqueça. O murta de Chaves com onze anos a figurar três, mais o Neca da Beira com dois anos amorosos — bonito bebé, mas anormal!

Quem se lança nesta cruzada, está permanentemente em contacto com casos semelhantes e a viver na máguia contínua de ser limitado. A limitação, porém, não está na falta de meios materiais (temos 30 camas vazias!) mas os doentes utili-

záveis são poucos... e os são ainda menos.

Ora, em todos estes doentes que têm chegado depara-se com o mesmo denominador-incurável. Humanamente não são presenças convidativas (alguns são até bem repelentes) para o convívio familiar como desejamos que ele seja e tem sido entre nós. Apesar disso são pessoas humanas ainda que diminuídas. A doença irmana-os e todos se dão bem.

E também têm vindo muitos visitantes que se aproximam para observar. A sua reacção no entanto é a mais diversa. Uns afirmam que toda a gente havia de conhecer isto, para fazer uma pálida ideia de como a natureza é fisicamente tão corruptível. Outros declaram que não podem ver mais, porque ficaram incomodados com um ou dois casos que depara-

ram. Uns vibram, outros gelam. Muitos nem entram. Um senhor engenheiro informou-me, há dias, que atravessara o portão e ao dar com dois doentes a jardinar, melo, trôpegos, mas ainda válidos, recuou e saiu. É cristão, mas nunca entendeu que o cristianismo exige a presença de uns aos outros. Para nos libertarmos desta exigência arranjamos desculpas, para encobrir a cobardia e a indiferença que vai dentro. Todos deparamos com misérias humanas aí pelas estradas. Mas volta-se o rosto. É uma aqui outra além. Facilmente nos distraímos. Ora aqui são muitas. Dificilmente o rosto consegue poisar onde não as haja. Daí a razão para se não entrar. Todos somos muito subtis, sobretudo para encobrirmos aquilo que não gostamos que os outros conheçam em nós. Neste caso é pura cobardia. Não gostamos de pensar nos outros, sobretudo nos que de nós carecem ou podem inquietar a nossa vida calma e repousante. Não queremos de facto saber muito uns dos outros. Muito menos daqueles que podem significar para nós um aviso da nossa pequenez e miséria, e da fugacidade do terreno que pisamos no mundo.

Como estes doentes nos podem ajudar a ser humildes!

Padre Baptista

TRIBUNA

de Coimbra

Para participarmos da alegria de P.e Acílio pelo casamento do primeiro filho — o António Luís — partimos no fim do almoço de sábado rumo a Setúbal. A Opel com Carlos Manuel ao volante e sua Maria Helena ao lado, Zai e eu.

Como de costume aproveitámos o caminho para visitar filhos nossos, hoje já muito espalhados, e que são sempre vida da nossa vida. A primeira paragem foi na base aérea da Ota, onde estão o António da Silva e o Vítor, filho do Abel Barros de Lourenço Marques. Dali seguimos para a nossa Casa do Tojal, com pouca demora, e tomámos a direcção de Odivelas onde o nosso primeiro chefe de há 17 anos, o João Torres Novas, vive com a mulher e as duas filhinhas, que já há muito não viamos; mas pouco ali pudemos demorar.

A chuva que nos havia acompanhado desde Leiria era ago-

ra mais teimosa e a passagem de Odivelas para Lisboa era de regos de água. De Benfca até Amadora foi a passo, tal e temporal misturado com o movimento do fim do dia. Na Amadora o Zé Manuel com a mulher, Mãe, irmã e o nosso Fernando esperavam-nos impacientemente através da vidraça da porta de entrada. Com o jantar e ambiente familiar não demos pelo princípio da tragédia cá de fora.

A saída da casa do Zé Manuel para Queluz já não foi possível por onde tinha sido a chegada. Em Queluz encontramos o primeiro carro atascado na berma debaixo dum dos arcos. Voltámos para trás para sairmos por outra rua e havia já sapadores bombeiros aflitos e carros parados pelas águas. De Queluz ao acesso à ponte sobre o Tejo foi uma longa hora através duma estrada quase transformada em rio caudaloso, com fitões de areia e pedras à mistura e filas de carros avariados e muitos outros aflitos a fugir à tragédia. Valeu-nos a protecção de Deus e o motor a gasóleo da Opel.

Do Tejo a Setúbal não tivemos disposição para rezar o terço, tal o cansaço causado pelos últimos 12 Km. Aquela tarde que tanto tínhamos desejado, sobretudo por nos encontrarmos com três dos nossos melhores chefes — João, Zé Manuel e Fernando — acabou pesada e sombria.

Só na tarde de domingo soubemos um pouco da extensão da tragédia e começámos também a associar-nos ao movimento a favor de todos os que foram vítimas e ficaram vivos e unimo-nos aos sentimentos cristãos pelos mortos.

Zé Manuel escreveu aflito a saber de nós, pois pelo telefone não havia conseguido ligação. Descrevia o que viu à volta de Queluz e Amadora, especialmente nas encostas e pequenos vales, onde os Pobres mais montam as barracas: «tudo arrasado, muitas crianças nuas ou quase nuas, dor em todos os rostos, farrapos e tábuas velhas enterrados na lama. Os Pobres são sempre os mais atingidos».

Temos acompanhado o movimento de solidariedade humana e cristã que despertou em todo o mundo a começar pelo gesto de Caridade do nosso Papa, e consola-nos a esperança de que muitos males terão agora bom remédio, se houver alma de justiça e amor e parte dos muitos dinheiros não ficar em caprichos, papeis ou coisas provisórias.

Os Pobres são sempre as gandes vítimas das tragédias. Os movimentos de compaixão passam e esquecem. Só a Caridade realiza obras que ficam.

Padre Horácio

Os nossos livros

Os nossos livros — as obras de Pai Américo — continuam a chispar Lume entre os leitores. Ainda agora estou virado a um maço de cartas e sinto dificuldade — sobretudo em função do restrito espaço do «Famoso» — na escolha das mais sugestivas!!

Prestemos a atenção a uma tripeira, em L. Marques:

«Expedi hoje um cheque de 50\$00, para o «Ovo de Colombo». Peço imensa desculpa de ser tão pouco, pois a vossa Obra é tam grande e nós habituámo-nos a amá-la desde longos anos — porque somos do Porto. E estávamos sempre presentes às chamadas de Pai Américo. Mas nós somos pobres; somos contínuos. E pouco se ganha. E esta é a razão porque mais não damos. Peço o favor de, quando puderem, mandarem o «Pão dos Pobres». Já temos o «Obra da Rua» e mal a gente possa mandare-

mós dinheiro para os livros que vierem».

Somos pobres; somos contínuos... Essa a razão do amor desta tripeira pela nossa Obra e o facto de estar sempre presente às chamadas de Pai Américo.

Hoje é a procissão dos Pobres! E novamente o Porto, a falar pela mão de outra leitora:

«Fiz seguir um vale do correio para satisfazer a oferta do «Ovo de Colombo», que muito e muito estimei, pois para mim é uma oração todo o seu conteúdo. Também sou pobre... E tenho em meu poder um livro chamado «Isto é a Casa do Gaiato», que me foi oferecido por uma amiga já há anos. Li-o com todo o gosto e que bem me fez! Tenho também o «Obra da Rua» e o «Barredo» na minha biblioteca de mulher pobre».

Que legendas!

Finalmente, um depoimento de pobreza sacerdotal. É um pároco de algures:

«Devorei o «Ovo de Colombo», dum só fôlego; pois, todos os livros do querido Pai Américo, são para mim compêndio de sublimes ensinamentos e livros que depois de lidos, medido numa e mais repetições.

Agradeço-vos do coração a lembrança que tiveram de me enviar. Além do «Pão dos Pobres» (3 v.) e o «Obra da Rua», e «Ovo de Colombo» que já possuo, há mais algum publicado? Muito grato ficava mandando-mos.

Tenho muita pena de não poder neste momento ser mais generoso. Mas, só Deus sabe as dificuldades que tenho tido nestes últimos quatro anos, pois as freguesias onde estou a paróquiar, são do pior que a diocese tem, não me permitindo grandes generosidades, como seria meu desejo, para com a Obra da Rua que sempre admirei.

Perdoem todo este arrasado e creiam-me íntimo servo em Cristo».

Entre a correspondência que temos à mão há vários pedidos de esclarecimento sobre livros de Pai Américo que dispomos. Ei-los: «Pão dos Pobres» I, II e III volumes, «Obra da Rua» e «Ovo de Colombo». Os não indicados estão presentemente esgotados. É tudo.

Júlio Mendes

Visado pela
Comissão de Censura



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE